



Foto/Guiga Meigan – Divulgação

EM BUSCA DA SEGUNDA ALMA

A filósofa Simone de Beauvoir, a atriz Fernanda Montenegro e a benemérita Eufrásia Teixeira Leite voltam à cena na filosofia, nos palcos e na literatura

“Nada menos do que duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação.” Machado de Assis

Por Maria Rita Drummond

No conto *O Espelho*, Machado de Assis esboçou uma nova teoria da alma humana, calcada na ambiguidade do ser para si e do ser para o outro.

Em uma releitura livre desse conto, o diretor de teatro Felipe Hirsch transforma em peça – uma tragédia em ato único – o encontro do indivíduo com sua alma exterior. E trouxe novamente aos palcos, depois de oito anos, a atriz Fernanda Montenegro para interpretar Simone de Beauvoir em *Viver sem Tempos Mortos*. Diretor de peças inesquecíveis como *Não sobre o Amor* e vencedor de diversos prêmios, o fundador da Sutil Companhia de Teatro trabalha o texto na linha da teoria da alma humana de Machado de Assis. A peça reconstrói o relacionamento de Beauvoir com sua segunda alma, Jean-Paul Sartre – além de outros amores da filósofa, como Olga Kosakiewicz, Jacques-Laurent Bost, Nelson Algren, incluindo o engajamento nas causas do feminismo, os embates pela liberdade – suas outras “segundas almas” – e sua solidão.

Abordar a vida da polêmica Simone de Beauvoir (1908-1986) não é tarefa fácil. Há sempre o risco de cair no lugar-comum, resvalar em questões romantizadas de apelo fácil ou se prender em excesso à sua teoria existencial.

A peça de Hirsch, no entanto, não cai nessa esparrela. Foi montada com base em diversas cartas e trechos autobiográficos de livros escritos pela filósofa francesa. Sem pieguices e com muita sensibilidade, o texto final de *Viver sem Tempos Mortos* compõe o histórico de uma mulher que, acima de tudo, lutou contra as normas opressivas da época, desafiando códigos de conduta em prol de sua liberdade e do amor.

Também pudera. Trocas epistolares oferecem ao leitor a possibilidade de entrar no universo mais íntimo do escritor, como mergulhar na leitura de um diário reservado. Simone de Beauvoir manteve um desde muito cedo, e sempre escreveu muitas cartas. Nos períodos em que esteve longe de Sartre, escrevia quase diariamente para ele narrando com detalhes sua rotina – fosse em Marseille ou posteriormente nos Estados Unidos. De volta à França natal depois de sua temporada americana, durante a qual conheceu Nelson Algren, continuou a escrever assiduamente para o escritor. As cartas da autora de *O Segundo Sexo*, bíblia feminista dos anos 1960 e 70, eram extremamente ternas e doces (algumas, inclusive, poderiam ter sido escritas por qualquer adolescente apaixonada). Absolutamente pessoal.

Assim nos palcos como na vida

Aliás, muito da crítica que se faz à obra filosófica e literária de Beauvoir se deve ao fato de sua escrita ter sido sempre excessivamente pessoal. Ela rebatia a maledicência dizendo que não acreditava no divórcio entre filosofia e vida. Apesar das muitas ressalvas à sua obra feminista, há um movimento de resgate cada vez maior de sua importância como filósofa existencialista, com novas e festejadas edições de livros – entre eles *A Moral da Ambigüidade* e *Os Mandarins* (este considerado uma obra-prima). Seja como for, pode-se dizer que Beauvoir foi uma das maiores memorialistas do século XX: ao todo seis autobiografias escritas. Simone de Beauvoir foi acusada de indiscrição por algumas pessoas próximas, que foram expostas em suas memórias, como Nelson Algren, que não a perdoou por expor o relacionamento dos dois. Ela se defendia dizendo que optou por escrever seu passado, em vez de deixar que outros o fizessem. Os dados autobiográficos, juntamente com suas cartas, formam sem dúvida um rico acervo para a construção de um personagem teatral.

De família católica e burguesa, no final dos anos 20 Simone de Beauvoir rompe com os ideais vigentes à época quando conhece Maurice Merleau-

A encenação de Fernanda Montenegro é extremamente minimalista, como se quisesse subtrair o corpo de cena para que o texto circule livremente na platéia

Ponty e Sartre e passa a freqüentar os bares de Paris, além de tornar-se professora universitária e escritora independente. Ela se entrega a uma vida distante do padrão burguês em busca de liberdade, de realização, da plenitude do amor e de sua existência. Questionando ou admirando-a, a combinação de uma busca existencial verdadeira, a vivência plena dos sentimentos, a luta por ideais e o sofrimento decorrente de tudo isso geram uma vida muito rica e interessante, principalmente para uma mulher daquela época.

Esses temas também são caros ao diretor de *Viver sem Tempos Mortos*. Amor, solidão e a busca de si já foram abordados com maestria por Felipe Hirsch em outras peças. Com extrema sensibilidade, ele sabe compor personagens equilibrados sem entregar à plateia opiniões prontas – antes, sugere situações e sentimentos de forma sutil. Em *Viver sem Tempos Mortos*, no entanto, há um elemento que extrapola a dramaturgia: a forte relação de Fernanda Montenegro com o texto. Nem seria diferente. A atriz teve a rara felicidade de encontrar seu grande amor, sua segunda alma, e por isso o texto a toca especialmente, já que viveu 60 anos com o marido Fernando Torres, falecido em 2008 – a quem Fernanda dedica a peça.

A encenação de Fernanda Montenegro é extremamente comedida, minimalista, como se ela quisesse subtrair seu corpo de cena para que o texto circulasse mais livremente na plateia. Quase como uma porta-voz de um pensamento, de uma intensa e corajosa vivência. A entrega da atriz ao personagem é completa, havendo uma mistura entre o que é texto de Beauvoir e o que poderia ser fala da própria Fernanda, como a despedida da filósofa francesa no leito de morte de Sartre, que poderia ser da atriz para Fernando Torres.

Outra época, outra história, uma segunda alma

A peça *Viver sem Tempos Mortos*

também coincide com o lançamento de um livro que remete à história de Beauvoir e Sartre. Guardadas as proporções e descontadas as caricaturas, o romance de Eufrásia Teixeira Leite e Joaquim Nabuco é tema da biografia *Mundos de Eufrásia*, da carioca Cláudia Lage, Editora Record. O romance é pautado por um amor marcante, que os acompanhou por toda a vida. O livro conta, de forma romanceada, as consequências das escolhas de ambos, do distanciamento dos dois e da emancipação feminina, tão rara para uma jovem daquela época.

Nascida em 1850 na bucólica Vasouras, interior do Rio de Janeiro, numa família de ricos fazendeiros de café, a sinhazinha Eufrásia Leite se apaixonou pelo abolicionista Joaquim Nabuco – um enredo quase novelesco. A perda dos pais e da irmã, em 1899, a tornou a única herdeira da expressiva fortuna da família. Apesar dos costumes do Brasil Imperial, não abriu mão do que acreditava ser seu projeto de vida e se mudou para Paris. Quando a possibilidade do casamento surgiu, exigiu que fosse realizado com separação total de bens. Mas o pretendente, o então diplomata Joaquim Nabuco, já percebendo seu caminho na política nacional, não se casou com o grande amor de sua vida.

Instalada em Paris, Eufrásia se tornou uma das mulheres mais ricas da França. Aliás, foi a primeira mulher a entrar na bolsa de valores daquele país. Sagaz para os negócios, também foi uma das poucas a sair ileso do crash de 1929, em Nova York. Em contrapartida, suas habilidades de administradora a conduziram gradativamente à solidão.

N'O Espelho, Machado de Assis dizia que a perda da alma exterior implica a da existência inteira... Pode ser. Simone de Beauvoir e Eufrásia Leite buscaram no trabalho outras segundas almas; não para substituir a segunda alma perdida, mas para continuar o percurso da eterna busca de si com coragem e dignidade – como ainda faz a diva Fernanda, para nosso encanto.

Uma sombra toma forma

Muitos ainda se fascinam com a história de amor entre Beauvoir e Sartre, deixando sua importância literária e filosófica relegada a segundo plano. Outros a identificam apenas como uma feminista, apesar de as próprias intelectuais feministas raramente a citarem como referência em suas teses. Ainda assim, dificilmente se fala em feminismo sem mencionar o nome Simone de Beauvoir. Os debates recentes trouxeram à baila as implicações filosóficas de seus romances, esses que há muito mereciam uma atenção mais detida pelos estudiosos.

No meio acadêmico, tanto na França como nos Estados Unidos, Simone nunca alcançou um lugar de destaque entre os grandes intelectuais. Sempre pronta ao ricochetear das críticas, dizia que os intelectuais na França não sabiam o lugar e a relevância de sua obra na história. Tal descrédito é atribuído ao fato de suas obras estarem sempre associadas – direta ou indiretamente – ao legado de Sartre, de quem teria vivido à sombra. Ou ainda ao fato de ter sido uma mulher escrevendo sobre o papel da própria mulher na sociedade, temas não considerados como relevantes filosoficamente.

Entretanto, a comemoração do centenário de seu nascimento recolocou-a nas discussões acadêmicas, por meio de seminários sobre a importância de sua obra hoje. Tais debates trouxeram nova dimensão a seus escritos. Atualmente estuda-se muito a influência de Hegel em sua obra, principalmente no livro de ficção *A Convidada*, que explora temas como violência e morte – além da relação do eu enquanto ser sozinho e do eu enquanto ser social. Beauvoir dizia que Hegel a ensinou a fazer questionamentos filosóficos, como Marx foi uma influência fundamental na evolução do seu pensamento. Engajada politicamente, sabia que sua reivindicação por igualdade de gêneros estava intimamente ligada à igualdade de classes. A reivindicação feminina por igualdade de direitos ainda é viva nos dias de hoje. 